

EXAME NACIONAL DO ENSINO SECUNDÁRIO

12.º Ano de Escolaridade (Decreto-Lei n.º 286/89, de 29 de Agosto)
Cursos Gerais — Agrupamentos 3 e 4

Duração da prova: 120 minutos
2001

1.ª FASE
2.ª CHAMADA

PROVA ESCRITA DE FILOSOFIA

COTAÇÕES E CRITÉRIOS DE CLASSIFICAÇÃO

A INDICAÇÃO DO NÚMERO DE LINHAS/PALAVRAS VISA APENAS ORIENTAR O ALUNO RELATIVAMENTE AO GRAU DE DESENVOLVIMENTO DA RESPOSTA, PELO QUE NÃO SE PROPÕE QUALQUER PENALIZAÇÃO PARA O NÃO CUMPRIMENTO DESSA INDICAÇÃO.

GRUPO I

Questões 1. e 2.

CRITÉRIOS	PONTUAÇÃO
Rigor da análise do excerto apresentado	10 pontos
Coerência lógica da resposta	7 pontos
Utilização precisa da terminologia filosófica	4 pontos
Correcção da expressão escrita	4 pontos
TOTAL	25 pontos
TOTAL das Questões 1. e 2. (2 × 25) =	50 pontos

- A **inadequação** da resposta à questão formulada implica uma pontuação de 0 (zero) pontos.
- A **mera transcrição** de frases do texto implica uma pontuação de 0 (zero) pontos.

Questão 3.

CRITÉRIOS	PONTUAÇÃO
Adequação dos conhecimentos mobilizados	35 pontos
Coerência lógica da resposta	15 pontos
Utilização precisa da terminologia filosófica	10 pontos
Correcção da expressão escrita	10 pontos
TOTAL da Questão 3. (1 × 70) =	70 pontos
TOTAL DO GRUPO I	120 pontos

- A **inadequação** da resposta à questão formulada implica uma pontuação de 0 (zero) pontos.
- Se a resposta **não manifestar** conhecimento da obra, a pontuação será de 0 (zero) pontos.

V.S.F.F.

114/C/1

Tópicos de conteúdo:

DA NATUREZA, Parménides

1. O ser é eterno (ingénito, indestrutível); uno e indivisível; homogéneo e contínuo; imutável, «é o mesmo, que permanece no mesmo e em si repousa»; finito e completo.
2. Os atributos do ser são deduzidos a partir dos princípios da razão (identidade e não-contradição). Tendo-se admitido que o não ser não é, exclui-se tudo o que implica: «Se se gerasse é porque não é».
3. Existência de dois caminhos para o pensamento: via da verdade e via da opinião. Identidade entre ser e pensar. Dedução dos atributos do ser, partindo da premissa de que o não ser é impensável.

GÓRGIAS, Platão

1. «A justiça e a temperança como condição da felicidade». Mesmo o castigo, se merecido, contribui para a felicidade. O homem deve preocupar-se em seguir uma vida regrada em que não é dominado pelas suas paixões.
2. A ordem reina no universo. A concepção geométrica do real inclui o universo, as relações entre os deuses e os homens e a amizade entre os homens. A razão deve orientar a vida dos homens e das cidades, a partir de interesses e regras comuns.
3. A oposição, ao longo do diálogo entre Sócrates e os sofistas, quanto ao valor da retórica fundamenta-se na diferença de concepções éticas. Se praticar a injustiça é o maior dos males e se ainda maior mal é o culpado não sofrer o castigo, é contra estes males que o homem tem de se precaver em primeiro lugar. É a educação filosófica, e não a retórica, que o pode ajudar a «viver melhor». A retórica é apenas uma forma de adulação (actividade empírica que visa o prazer). Os oradores não se preocupam em melhorar os cidadãos, apenas se empenham em dar-lhes aquilo que desejam. Sócrates apresenta-se como o único que pratica «a verdadeira arte política», mas não sabe responder num tribunal. Se for condenado à morte por não ter utilizado a «retórica adulatora», aceitará a morte com serenidade, uma vez que procedeu com justiça, quer na vida privada, quer na vida pública. A narrativa final justifica esta posição perante a morte, mostrando que aqueles que praticam a virtude nada têm a temer.

FÉDON, Platão

1. A «misantropia» é a aversão a outras pessoas; a «misologia» é a aversão aos argumentos. A primeira procede da desilusão perante a deslealdade de amigos e íntimos; a segunda, da desilusão perante a deslealdade intelectual de retóricos e sofistas. A primeira traduz uma generalização indevida quanto ao valor do convívio social; a segunda, uma generalização indevida quanto ao valor dos argumentos.
2. Necessidade de distinguir argumentos sofisticos e argumentos sãos. Reconhecimento de que não são os argumentos em si mesmos, mas a inexperiência e o facto de não estarmos ainda «sãos», o que nos impede de reconhecer a solidez de um argumento verdadeiro. É através dos argumentos que podemos conhecer a verdade dos seres, tarefa que pressupõe um empenhamento corajoso.

3. A argumentação no *Fédon* visa investigar a razoabilidade da «bela esperança» numa vida melhor, após a morte.
Os três primeiros argumentos revelam-se insuficientes. Objecções de Símias e Cebes.
As considerações de Sócrates sobre o perigo da «misologia» inscrevem-se neste contexto e introduzem as suas respostas às objecções e o argumento final.
Também o quarto argumento não elimina as reservas, e a discussão termina com um mito. A «bela esperança» envolve um risco, mas «vale a pena arriscar» e «o risco é belo». Na nossa condição presente, privados da intuição da verdade, não podemos dispensar «encantamentos» que nos permitam pressenti-la ou «adivinhá-la». Os argumentos só nos levam até onde é humanamente possível.

CATEGORIAS, Aristóteles

1. «Muito», «pouco», «grande» e «pequeno» são termos que não podem ser utilizados em acepção absoluta. As coisas em si mesmas não são grandes ou pequenas, muitas ou poucas. Tais termos só são utilizáveis no contexto de uma relação comparativa. Pertencem, por conseguinte, à categoria da relação.
2. Se esses termos e outros da mesma espécie fossem contrários, um mesmo sujeito poderia «receber simultaneamente qualificações contrárias». Uma mesma coisa pode ser pequena relativamente a uma e grande relativamente a outra. Porém, a substância, estando apta a receber os contrários, não pode comportá-los simultaneamente. As coisas não podem ser contrárias a si mesmas.
3. Aristóteles, nas *Categorias*, procede à análise dos vários modos de enunciar o ser.
O modo principal e fundamental é a substância, que, no seu sentido primeiro, designa o que nunca se predica de um sujeito, nem está em um sujeito, isto é, o ser determinado, concreto e individual. Em sentido derivado, ou segundo, a substância designa o que pode ser predicado de um sujeito, mas não se acha presente em nenhum sujeito: os géneros e as espécies, que são ambos categorias do sujeito.
Outros modos de enunciar o ser são os acidentes, aquilo que, estando em um sujeito, não pode ser predicado de qualquer sujeito. Entre estes, o extracto refere-se à quantidade, o «quanto», ou o que é formado por partes, e, designadamente, à propriedade de não possuir contrário. As outras propriedades da quantidade são: o não ser susceptível de mais e de menos, e, sobretudo, a possibilidade de a predicarmos de igual e de desigual.

O MESTRE, Santo Agostinho

1. Não são as palavras que nos apresentam as coisas.
Com palavras só aprendemos palavras.
Ensina verdadeiramente quem manifesta aos sentidos ou à mente as coisas a conhecer.
2. Para compreendermos alguma coisa «não consultamos alguém que fala e produz um som fora de nós, mas a Verdade que preside interiormente à nossa mente».
No «homem interior» habita Cristo, a sempiterna Sabedoria.
É Ele que ensina e que é consultado por toda a alma racional.
3. As palavras «incitam-nos apenas a procurar as coisas, não no-las apresentam para as conhecermos». Vacuidade e deficiências das palavras. Primado das coisas.
Ensina alguma coisa quem manifesta aos sentidos, à memória ou à mente as coisas que se querem conhecer. Em nenhum destes casos aprendemos alguma coisa pelas palavras.

V.S.F.F.

114/C/3

Relativamente às coisas verdadeiras, aprendemo-las, não ouvindo palavras, mas consultando a «luz interior da Verdade, de que é iluminado e goza aquele que se denomina “homem interior”.» É Deus que lhas descobre interiormente. «O único Mestre de todos nós está nos céus»: Cristo, a sempiterna Sabedoria.

PROSLOGION, Santo Anselmo

1. Incomensurabilidade entre a inteligência humana e a «luz inacessível» que é Deus.
Perversão da inteligência humana pelo pecado.
Os «tumultuosos pensamentos» e os «onerosos cuidados» impedem o homem de buscar Deus.
2. Impossibilitado de penetrar na profundidade divina, o filósofo não busca inteccionar para crer, mas crê para inteccionar a verdade que o seu coração crê e ama.
Imagem de Deus, o homem, criado para O amar, não pode fazer aquilo para que foi feito se Deus o não renovar e reformar.
Não podemos buscar Deus e encontrá-lo se não for Ele a ensinar-nos e a mostrar-se-nos.
3. Natureza do pensamento anselmiano. O homem de fé busca compreender, pela inteligência, aquilo que crê no seu coração. Necessidade do concurso de Deus.
O argumento e os seus pressupostos filosóficos. O conhecimento da essência divina.
A distância incomensurável entre Deus e a criatura. Significado do recurso sistemático aos oxímoros.

O SER E A ESSÊNCIA, S. Tomás de Aquino

1. O género contém indeterminadamente tudo aquilo que está na espécie.
«Exprime a natureza da realidade a partir do que é material, relativamente à última perfeição». Pela sua indeterminação pode significar várias espécies com essências diferentes.
2. A determinação do indivíduo em relação à espécie faz-se pela matéria.
A espécie significa indeterminadamente «tudo o que se encontra no singular». Assim, podemos afirmar que Sócrates é homem.
3. Relação da essência com os conceitos lógicos de género e espécie.
O singular como o concreto, que conhecemos de modo indeterminado.
Primado do ontológico sobre o lógico.

REDUÇÃO DAS CIÊNCIAS À TEOLOGIA, S. Boaventura

1. A obra «bela, útil e duradoira» permite-nos reconhecer as qualidades da norma de viver: saber (a ciência), querer (a vontade) e agir (a perseverança).
2. A finalidade da obra é o «bem honesto, útil e deleitável»; paralelamente, a alma racional foi criada para louvar Deus, para O servir e para n'Ele se deleitar.
Pela caridade, a alma une-se a Deus e realiza a sua finalidade.
3. Caracterização dos diferentes conhecimentos (iluminações).
A primeira iluminação, a arte mecânica, tem como fim a produção de objectos artificiais (luz exterior).
Como todos os conhecimentos, contribui para o conhecimento da Sagrada Escritura.
Subordinação de todos os conhecimentos à teologia.

GRUPO II

CRITÉRIOS	PONTUAÇÃO
Plano prévio – estrutura e adequação	8 pontos
Seleção correcta dos conhecimentos para desenvolver o tema escolhido	20 pontos
Apropriação pessoal dos conhecimentos e apreciação do modo como o tema foi tratado pelo autor, na obra	10 pontos
Coerência lógica da resposta	20 pontos
Utilização precisa da terminologia filosófica	10 pontos
Correcção da expressão escrita	12 pontos
TOTAL	(1 × 80) = 80 pontos
TOTAL DO GRUPO II	80 pontos

- Se o aluno não identificar a obra e não **resultar óbvio** do seu texto a que obra se está a referir, ou se escolher um par obra-tema diferente dos indicados, a pontuação será de 0 (zero) pontos.
- A **inadequação da resposta** à questão implica uma pontuação de 0 (zero) pontos.

Dado o objectivo deste grupo, serão de aceitar respostas diversificadas, desde que se reportem a **um dos pares obra-tema indicados na prova** e revelem uma selecção adequada dos conhecimentos da obra e um posicionamento crítico.

V.S.F.F.

114/C/5

Tópicos de conteúdo:

PRINCÍPIOS DA FILOSOFIA, R. Descartes

TEMA: A fundamentação do conhecimento verdadeiro

O projecto de reconstrução da ciência. A investigação dos princípios do conhecimento humano. Função e natureza da dúvida cartesiana. A dúvida sobre o valor dos conhecimentos. A hipérbole do «deus enganador».

O *cogito*: primeiro princípio e paradigma de toda a verdade. O critério de evidência: clareza e distinção. A necessidade de superação da dúvida hiperbólica como condição da aplicabilidade deste critério a outras verdades, para além do *cogito*.

A existência de Deus, ser perfeitíssimo e criador da nossa natureza. A veracidade divina. A superação da dúvida: Deus é a garantia da verdade do conhecimento claro e distinto. A veracidade divina legitima o critério de evidência.

Sempre que limitamos o nosso assentimento àquilo que é evidente, não erramos.

CARTA SOBRE A TOLERÂNCIA, J. Locke

TEMA: Tolerância e paz

A causa de todas as lutas e guerras religiosas encontra-se na recusa da tolerância e não na diversidade de opiniões. A intolerância, os ódios e as perseguições fratricidas contrariam quer o dever de caridade consagrado pelo Evangelho, quer a universalidade de direitos dos cidadãos. A tolerância recíproca é o principal critério da verdadeira Igreja e o principal sustentáculo da paz civil.

Na origem da intolerância está a confusão sobre os limites exactos entre a Igreja e o Estado e os respectivos poderes. Os direitos dos cidadãos não derivam da religião, e a salvação das suas almas não pode ser obtida mediante o uso da força coerciva.

«Os impérios justos e equilibrados vivem, em todo o lado, na tranquilidade e na segurança; os que são atormentados pelas injustiças e pelas tiranias são sempre sacudidos por lutas.» Suprimida a injustiça e estabelecida a tolerância, tudo ficará protegido e em segurança.

DISCURSO DE METAFÍSICA, G. W. Leibniz

TEMA: Limites do mecanicismo

Conciliação entre uma concepção matemática e mecânica da natureza e os princípios metafísicos. Não se trata de negar o mecanicismo, mas de o rejeitar como filosofia da natureza, substituindo-o por uma concepção global dinamista. «Os princípios gerais da natureza corpórea são mais metafísicos que geométricos e correspondem mais a algumas formas ou naturezas indivisíveis, como causa da aparência, que à massa corpórea ou extensão.» Só as mónadas são reais e têm por essência a força e não a extensão.

Não basta ter em conta as causas eficientes, a inteligibilidade da natureza exige que se procurem as causas finais. Referência à passagem do Fédon em que Sócrates critica «os filósofos demasiado materialistas». Muitos efeitos da natureza podem ser explicados quer pela causa eficiente, quer pela causa final, servindo-se, por exemplo, do «decreto de Deus de produzir sempre o seu efeito pelas vias mais simples».

É importante reconhecer um autor inteligente da natureza. «Deus propõe-se sempre o melhor e o mais perfeito».

FUNDAMENTAÇÃO DA METAFÍSICA DOS COSTUMES, I. Kant

TEMA: Moralidade e felicidade

A felicidade não é boa em si mesma, só a boa vontade tem um valor absoluto.

O verdadeiro destino da razão prática deverá ser o de produzir uma vontade boa em si mesma. Essa vontade será «o bem supremo e a condição de tudo o mais, mesmo de toda a aspiração à felicidade».

A felicidade não constitui o fim da acção moral. O seu conceito é indeterminado e empírico. Considerar a felicidade como finalidade da acção reduziria o dever a um imperativo hipotético assertórico. «O imperativo que se relaciona com a escolha dos meios para alcançar a própria felicidade, quer dizer, o preceito da prudência, continua a ser hipotético; a acção não é ordenada de maneira absoluta, mas somente como meio para outra intenção.»

Só a concepção apriorística do dever, como imperativo categórico, garante o valor universal e necessário da moralidade, assim como a autonomia da vontade. A felicidade como princípio empírico da moralidade é o «mais condenável para o fundamento da moralidade (...), atribui à moralidade móveis que a minam e destroem toda a sua sublimidade.»

INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DA FILOSOFIA, G. W. F. Hegel

TEMA: Filosofia e espírito do tempo

A história da filosofia constitui um todo em desenvolvimento, no qual cada filosofia tem um lugar determinado, de acordo com o seu próprio tempo. Cada filosofia só tem valor e significado quando inserida na unidade da vida espiritual do momento histórico em que surgiu. Ela não pode ir para além do seu tempo e não se pode esperar que responda de forma satisfatória às perguntas de outro período com um espírito mais desenvolvido.

A filosofia está em conexão com os outros aspectos históricos ligados pelo espírito do povo (política, costumes, religião, ciência, arte). Esta conexão não é uma mera influência, mas uma unidade, pois todos «têm uma e a mesma raiz comunitária: o espírito do tempo». A filosofia é a consciência do todo, é o «espírito do tempo, disponível como espírito que se pensa».

A filosofia tem o seu lugar na vida dos povos, nos momentos de crise, mas, por outro lado, antecipa o nascimento de um novo período.

TENDÊNCIAS GERAIS DA FILOSOFIA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX,

Antero de Quental

TEMA: A ideia de Deus

Espiritualismo – o ser é espontaneidade, liberdade, com diferentes graus de perfeição.

Deus constitui o ser absolutamente livre, o absoluto, a perfeição.

Deus é um ser ideal e porque «não é real é que é *verdadeiro*» – Deus representa a perfeição moral, que orienta os esforços da humanidade.

«A consciência do justo é o único templo do único Deus.»

A ORIGEM DA TRAGÉDIA, F. Nietzsche

TEMA: O renascimento da tragédia

Civilização alexandrina e homem teórico. No limite extremo da decadência desta civilização, a ciência confronta-se com os seus próprios limites. O Fausto como símbolo do homem moderno. O

V.S.F.F.

114/C/7

ressurgimento da necessidade da arte. Na iminência da morte, «Sócrates dedica-se à música.»

A filosofia alemã (Kant e Schopenhauer) e a música alemã (de Beethoven a Wagner) como sintomas, respectivamente, de uma sabedoria dionisíaca e do renascimento do trágico.

A ópera clássica como expressão do optimismo teórico moralizante. A ópera de Wagner. Significado da dissonância musical. O drama. Apolo e Dioniso. Cultura e mito.

DA CERTEZA, L. Wittgenstein

TEMA: Fundamentação e crença

A certeza está para além do que pode ser justificado ou injustificado. É uma forma de vida, de raiz biológica e social, que está na base de todo o jogo de linguagem. A linguagem não surgiu de uma espécie de raciocínio. É o nosso actuar que está no fundo da linguagem. A forma de vida humana supõe certas crenças, imprescindíveis para tornar compreensível a experiência: um quadro de referências que compõem uma imagem do mundo. As proposições que descrevem esse quadro de referências constituem um sistema. Esse sistema não é aprendido reflexivamente, mas absorvido nos jogos de linguagem.

«Se o verdadeiro é o que é fundamentado, então o fundamento não é verdadeiro nem falso.» A fundamentação tem que ter um fim. Este fim não é um pressuposto não fundamentado, mas uma via de acção não fundamentada.

O próprio duvidar baseia-se naquilo que não está em dúvida. Duvidar de uma convicção fundamental é destruir todo o sistema, é colocar-se fora do jogo de linguagem e à margem de toda a racionalidade.

ELOGIO DA FILOSOFIA, M. Merleau-Ponty

TEMA: Ironia e filosofia

O filósofo mantém uma relação «distante mas verdadeira» com os outros homens.

A ironia socrática como distância e respeito pelos outros. O filósofo não sabe mais do que os outros homens, sabe apenas que não há saber absoluto «e que é por isso que estamos abertos à verdade».

A ironia romântica como artifício e vaidade.

A verdadeira ironia é uma obrigação do filósofo, que, pelo seu afastamento, realiza um certo tipo de acção entre os homens.

OS PROBLEMAS DA FILOSOFIA, B. Russell

TEMA: O problema da indução

Conhecimento de coisas e conhecimento de verdades. Conhecimento por intimidade e por descrição.

No que respeita ao conhecimento de coisas, o alargamento da nossa experiência faz-se por inferência.

Que o Sol nasce amanhã é algo que acreditamos, porque até hoje assim aconteceu. Esta crença e outras semelhantes – nomeadamente a crença mais geral sobre a uniformidade da natureza, subjacente a todas as outras – têm origem num hábito causado pela experiência passada. A validade destas inferências depende do princípio de indução. Este princípio não torna possível uma prova demonstrativa das nossas crenças e expectativas relativas aos casos não observados, mas garante a sua razoabilidade.

Tal princípio não pode ser refutado pela experiência. Também não pode ser provado pela experiência. É, ele próprio, uma crença. Todo o nosso conhecimento se baseia, em última análise, em crenças instintivas, crenças que não é razoável rejeitar senão na medida em que contrariem outras crenças.

A PROBLEMÁTICA DA SAUDADE, Joaquim de Carvalho

TEMA: Significação metafísica da saudade

A saudade como fenómeno nacional e universal. A saudade é um modo de interpretação do mundo (seres e situações), um modo de o sujeito se situar no mundo. Fenómeno tipicamente humano que não pode dar-se numa consciência divina, mas apenas numa consciência temporal. Experiência dolorosa da ausência de uma maior plenitude existencial. Saudade e tédio.

Importância do fenómeno da saudade para uma interpretação metafísica da existência. A filosofia como interpretação qualitativa e valorativa (personalismo) e não apenas como teoria especulativa (racionalismo).

«A significação suprema da saudade consiste em conduzir o pensamento a interrogar-se e a interrogar a existência (...) na sua expressão concreta», situada num mundo dotado de significação existencial, que se não reduz ao inerte, ao espacial e ao mecânico.

DA ESSÊNCIA DA VERDADE, M. Heidegger

TEMA: Ek-sistência e verdade

A concepção vulgar de verdade: a verdade como conformidade e correcção do enunciado. A possibilidade da correcção: o ser-livre para deixar-ser o ente. A essência da verdade é a liberdade.

Liberdade não significa indiferença ou capricho, mas entrega à desocultação do ente enquanto tal. Deixar-ser o ente significa confiar-se ao aberto e à sua abertura. Liberdade significa, pois, ex-posição, ek-sistência. No ser do homem, ser-aí, a abertura do aberto (o aí) é aquilo que é.

O comportamento mediante o qual o homem se relaciona com o ente determinado oculta o ente na sua totalidade. O homem in-siste naquilo que lhe oferece o ente, aberto como que por si mesmo e em si mesmo. Ek-sistente, o ser-aí é in-sistente.

Este ocultamento do ente na sua totalidade, este esquecimento da verdade do ser é a não-verdade, o mistério, que é inseparável da essência da verdade. A questão da essência da verdade revela-se como a questão da verdade da essência.

TEORIA DA INTERPRETAÇÃO, P. Ricoeur

TEMA: A defesa da escrita

A hermenêutica nasce com a escrita.

A escrita implica a separação da significação relativamente ao evento, mas mantém a dialéctica de evento e significação. Autonomia do texto e libertação das referências situacionais.

O mundo como conjunto das referências abertas pelo texto. «Graças à escrita o homem, e só o homem, tem um mundo e não apenas uma situação.»

As críticas dirigidas à escrita de Platão, Rousseau e Bergson só podem ser rebatidas com a teoria da iconicidade. A escrita representa um aumento da realidade. A «revelação de um real mais real que a realidade ordinária».

A dialéctica de distanciação e apropriação. A distanciação provocada pela escrita é produtora de sentido. A compreensão do texto implica um alargamento da compreensão de si pelo leitor.